

NEIL PATRICK
HARRIS

A AUTOBIOGRAFIA
INTERATIVA

ORGANIZADO DE MODO QUE FAÇA SENTIDO POR
DAVID JAVERBAUM

TRADUÇÃO

Juliana Cunha e Guilherme Miranda

PA
RA
LE
IA

Copyright © 2014 by Neil Patrick Harris

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Neil Patrick Harris — Choose Your Own Autobiography

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA Art Streiber

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Luiz Iria

PROJETO GRÁFICO Elizabeth Rendfleisch

ILUSTRAÇÃO DE MIOLO Anthony Hare, P. I.

PREPARAÇÃO Bruno Porto e Olívia Lima

REVISÃO Angela das Neves e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Harris, Neil Patrick

A autobiografia interativa / Neil Patrick Harris ; organizado de modo que faça sentido por David Javerbaum ; tradução Juliana Cunha e Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2015.

Título original: Neil Patrick Harris : Choose Your Own Autobiography.

ISBN 978-85-65530-76-7

1. Atores – Estados Unidos – Autobiografia 2. Harris, Neil Patrick, 1973 I. Javerbaum, David. II. Título.

15-00185

CDD-791.45028092

Índice para catálogo sistemático:

1. Atores : Memórias autobiográficas

791.45028092

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

ATENÇÃO!!!

Isto que você tem nas mãos é uma autobiografia de celebridade egocêntrica diferente de todas as outras autobiografias de celebridades egocêntricas.

Ela é diferente, pois se trata de uma autobiografia participativa, no estilo “você escolhe o final, você decide”. Ela foi escrita em forma de aventura solo, um gênero interativo também conhecido como livro-jogo. Isso significa que, ao ler/jogar este livro, VOCÊ será responsável por viver a vida e decidir o destino de Neil Patrick Harris.

Ao longo das próximas páginas, você será confrontado por uma série de escolhas que podem mudar os rumos da história e a vida do protagonista. Faça boas escolhas e acabará feliz, bem-sucedido e pai de dois filhos maravilhosos. Escolha mal e acabará gordo, careca e fatiando peru atrás do balcão de um restaurante do Texas. Seja como for, em algum momento você passará uns meses trabalhando com Anne Heche, na Broadway. (Divirta-se!)

Para sair ileso deste livro, VOCÊ terá que confiar inteiramente em sua perspicácia, instintos e na sua habilidade de se direcionar às páginas especificadas ao longo da história.

Boa sorte. E lembre-se: as decisões que tomar não afetarão somente você.

Daqui para a frente, a vida de Neil Patrick Harris está... em suas mãos.

Obrigado por adquirir o mais novo título da nossa série de autobiografias interativas!

1. GEORGE BERNARD SHAW
2. BILLY BOB THORNTON
3. SALT 'N' PEPA
4. MARY ELIZABETH MASTRANTONIO
5. DAVID HYDE PIERCE
6. DAVID AFTER DENTIST
7. CEDRIC THE ENTERTAINER
8. JOHN WILKES BOOTH
9. NEIL PATRICK HARRIS

Você, Neil Patrick Harris, nasceu em Albuquerque, Novo México, no dia 15 de junho de 1973, em um lugar que você está quase certo de ser o Hospital St. Joseph, embora seja difícil cravar isso já que a experiência toda o deixou um pouco atordoado.

A primeira pessoa que você encontra na vida não surpreendentemente é a sua mãe, Sheila Scott Harris. Com o tempo você vai descobrir que ela é uma mulher realmente notável, cheia de amor, bondade, fragilidade, abnegação, inteligência, sabedoria e humor. Ela é daquele tipo de mãe que fala com você de igual para igual e que o trata com respeito desde os seus dois anos de idade. É o tipo de mãe que o segura no colo durante uma viagem de carro de quatro horas, fazendo carinho em suas costas levemente ao longo do caminho. O tipo de mãe que ensina você a responder às perguntas de um programa de rádio, reforçando sua autoestima ao lhe deixar adivinhar as respostas “corretas”, mesmo quando seus palpites não são exatamente o que ela esperava. Ela consegue fazer tudo isso de um jeito sutil, sem que você suspeite de nada. Sheila é o tipo de mãe tradicional o bastante para cantar no coro da igreja episcopal todo fim de semana, mas que, enquanto lê histórias para seus filhos, é capaz de mudar o roteiro e improvisar uma morte brutal para um personagem, só para conferir se você ainda está prestando atenção. O tipo de mãe que costura suas fantasias de Halloween, toca flauta e adora rir e incentivá-lo a lutar pelos seus sonhos. Ela é uma mulher que ora treina para ser instrutora de *jazzercise* — uma mistura de jazz, ioga e pilates praticada em academias de ginástica —, ora decide voltar para a faculdade de

direito já pelos trinta anos, dedicando quatro horas para ir e voltar para casa todo fim de semana só para garantir que passará tempo o suficiente com você.

Sim, você é um garoto de sorte por ter uma mãe assim, mas nesse momento em *particular* ela estava mais para uma mãe suada, chorosa e cheia de dor do que para tudo isso que acabo de descrever.

Enquanto ela estica os braços para carregá-lo pela primeira vez, você nota um homem segurando sua mão e sorrindo para você. Este é o seu pai, Ronald Gene Harris. Com o tempo você vai descobrir que ele é um homem forte e estoico, um pai sábio, um marido incrível, um bom advogado, um sujeito de pensamento lógico, um resolvedor de problemas. O tipo de pai que às vezes troca seus serviços jurídicos por móveis antigos e que depois passa meses retocando-os até readquirirem sua antiga glória. O tipo de pai que te ajuda a fazer os melhores carrinhos de rolimã enquanto ele próprio constrói sua casa dos sonhos nas montanhas. O tipo de pai que, alegando “trabalho de emergência”, cancela uma viagem de fim de semana para Albuquerque em que vocês deveriam comemorar seu sétimo aniversário, causando-lhe uma grande decepção... Até você chegar em casa e descobrir que ele passou o tempo todo construindo uma casa na árvore para você, com direito a caixa de areia, escada de corda, porta secreta e tirolesa. O tipo de pai que dedilha músicas populares no violão, aprende sozinho a tocar o banjo e o ensina a cantar. E, talvez mais importante do que isso tudo, seu pai é um sujeito *engraçado*. Não me refiro aqui àquele tipo de pai que faz “piadinhas de pai” (ou seja, totalmente sem graça). Falo de um sujeito engraçado *de verdade*. À primeira vista ele parece um intelectual sério e conservador, mas é dotado de um senso de humor seco, inteligente e inflexível. Ele tem todos os discos dos Smothers Brothers, do Kingston Trio e dos Brothers Four e os escuta o tempo todo. Ele é o mestre da repetição cômica. Desde seus quinze anos, toda vez que você liga para ele e outra pessoa atende, ele pega o aparelho sussurando: “Não, eu

não quero falar com ele, eu não quero... Ei, oi, Neil! COMO VAI?”. *Toda vez*. E você faz o mesmo quando ele te liga. *Toda vez*. Então vocês dois se vangloriam de como são hilários. *Toda vez*.

Mas, de novo, você não sabia de nada disso nesse momento, enquanto chorava coberto de placenta viscosa logo depois de nascer.

. . .

Você veio ao mundo pesando três quilos e meio, o que é um peso muito bom, sexy, saudável e na média. Acontece que esse é também o peso *exato* de um troféu do Emmy. Coincidência? Sim. Fato real? Não.

Depois de ter seu cordão umbilical cortado, você é imediatamente levado para testes e medições e para a incorporação do chip eletrônico que vem sendo secretamente implantado em todos os bebês americanos nascidos a partir de 1953. Exausto de seu calvário de nove meses, você pede permissão para passar a noite em uma cama confortável da maternidade do hospital. Seu pedido é atendido. Você solicita uma cama de solteiro, pois, afinal de contas, não foi agraciado com um irmão gêmeo.

No dia seguinte você já está pronto para ir para casa.

Ao chegar em sua nova moradia *ex utero*, você encontra o terceiro membro de sua família imediata. A essa altura, seu irmão, Brian Christopher Harris, é três anos mais velho do que você, um fato que permanecerá inalterado durante toda a sua vida. Ele é um rebeldezinho brilhante e cheio de imaginação que passará boa parte da infância tentando convencer você e seus pais de que, na verdade, é um príncipe russo que foi parar nessa família por motivos que ele não está autorizado a debater. O tipo de irmão que é o testador de limites oficial da família, um cara que se orgulha de ser inteligente e astuto o suficiente para sobreviver na base da sagacidade. O tipo de irmão que por vezes se abrirá com você sobre suas viagens clandestinas às numerosas minas que pontilham a paisagem

do Novo México. O eterno risco de um deslizamento repentino é uma alegria para ele e um terror para você. “Neil, eu vou visitar uma mina. Se eu não voltar, aqui está minha localização. Não diga nada à mamãe e ao papai, a não ser que eu realmente suma do mapa. Tchau.” O tipo de irmão que é paradoxalmente popular e excluído ao mesmo tempo e que concorre à eleição para ser presidente do grêmio da escola primária com cartazes que diziam “Sexo!!! Agora que tenho sua atenção, vote Brian Harris para presidente do corpo discente”. O tipo de irmão que dá festas quando seus pais estão fora da cidade e é legal o suficiente para incluí-lo nelas. É a ele que você deve sua primeira cerveja, sua primeira sangria e sua primeira (e única) noitada com duas garotas ao mesmo tempo.

Ele será o seu herói.

Se você quer viver uma infância feliz, vá para a página 8.

Caso prefira uma infância miserável para depois se gabar de ter superado a pobreza contra todas as circunstâncias, vá para a página 5.

Você, Neil Patrick Harris, nasceu em Albuquerque, Novo México, no dia 15 de junho de 1973. Você está quase certo de que se encontra no banco de trás de um táxi, mas não dá para saber direito porque o estofado foi comido por vermes.

Sua mãe, Cruella Bathory Harris, é uma noia que fuma crack e enche a cara o dia todo. Ela é do tipo de mãe que o acorda aos tapas, o belisca para que você escove os dentes e dá uma surrinha de leve em você com aquele cinto cheirando a novo só para “amaciar o couro”. O tipo de mãe que dá a você e seus irmãos apelidos baseados nos nomes das doenças que ela espera que vocês desenvolvam em algum ponto da vida (você, no caso, é chamado de “Enfisema”. Sua irmãzinha atende pela alcunha de “Linfoma não Hodgkin”). Em suma, Cruella é do tipo de mãe que o sujeito precisa de algumas encarnações para superar.

Quanto ao seu pai, bem, ele é do tipo que podia ter sido qualquer um daqueles cinco jogadores escalados no time de basquete da Universidade do Novo México em 1973. (Eles eram chamados de Lobos por um bom motivo.)

Mas sua infância teve uma tábua de salvação: vovô-vovó. Vovô-vovó era um dos genitores de sua mãe, embora sua aparência nunca tenha lhe permitido adivinhar qual deles. Mas isso não importa. O que importa é que vovô-vovó estava ali para o confortar e inspirar. Ele(a) acreditava em você. Ele(a) também acreditava em duendes, em fadas malignas e que os marcianos haviam matado o presidente Kennedy, mas isso não vem ao caso.

Em uma noite particularmente brutal, depois de um dia inteiro descarregando carvão de um vagão de carga ferroviário, você está sozinho e chorando no fundo da mina. Está escuro feito breu. Abaixo, você escuta o bater de asas dos morcegos. Acima, a buzina do trem das 8h05, trazendo uma nova remessa de morcegos frescos. De repente, você escuta o familiar clop-clop das sandálias de vovô-vovó.

— Qual o problema, Neil?

— Oh, vovô-vovó querido(a), não tenho esperanças na vida. Não sou amado, não tenho amigos, acho que nunca conseguirei conquistar nada neste mundo cruel.

Vovô-vovó lhe deu dois tapas bem fortes na cara e disse:

— Nunca mais fale desse jeito, mocinha.

— Na verdade eu sou um meni...

— Escuta aqui, garota, você vai sair dessa lama. Você está destinada a grandes realizações, à fama, à fortuna. Seu destino é ser uma estrela da Broadway. Está escrito nas estrelas que você terá não um, mas dois papéis importantes em seriados de TV bastante longos. Você está destinada a apresentar muitas premiações. A ter uma carreira cinematográfica bem interessante, embora você obviamente ainda terá que ralar para encontrar aquele grande papel dramático que te colocará no panteão de um, digamos, futuro Brad Pitt. Você está destinada a ser presidente de uma boate voltada para mágicos chamada Magic Castle. Você está destinada a ter um encontro bizarro com um filho de celebridade chamado Scott Caan do lado de fora de uma outra boate de Los Angeles. Você está destinada a trilhar uma longa trajetória de autodescobrimento sexual que culminará em um relacionamento estável com o homem dos seus sonhos. E, acima de tudo, Nell...

— Neil.

— ... você está destinada a contar a todos a história de como saiu do minério de carvão para conquistar o mundo, de como su-

perou as adversidades e alcançou o sucesso. Quando fizer tudo isso, as pessoas vão usar sua história de determinação e resistência sobre-humana como um exemplo a ser seguido.

Foi nesse momento que os morcegos atingiram-no(a).

*Se você prefere experimentar as benesses de uma infância mais feliz,
vá para a página 8.*

*Se você está ansioso para conhecer seus próprios filhos,
pule trinta anos e vá para a página 290.*

Seus pais vivem em Ruidoso, uma bela cidade montanhosa de cerca de 5 mil habitantes empoleirada há um quilômetro e meio acima do nível do mar sobre a faixa de Sierra Blanca, no centro-sul do Novo México. Parece um lugar idílico para passar uma infância, por isso, depois de uma análise cuidadosa, você escolheu crescer ali.

Você é um garoto normal, feliz e extrovertido que venera seu irmão mais velho e acha que nada no mundo é tão legal quanto quando ele deixa você sair com os amigos dele ou quando o trata como parceiro e confidente em uma de suas muitas aventuras. Você cava pequenos túneis e cavernas na terra perto da calçada de casa e brinca com os soldadinhos que comprou na Ben Franklin's (uma versão local do Walmart), fazendo com que seu pequeno exército atravessasse enormes "rios" pendurado em mangueiras de jardim. Você ocasionalmente brinca com as bombinhas e com os bonecos de Guerra nas Estrelas do seu irmão, algo que seus pais desaprovam, embora com menos veemência do que Brian gostaria de imaginar. Às vezes, depois da escola, o ônibus escolar deixa você e seu irmão no escritório de seu pai, no centro da cidade. A meia quadra de distância há um edifício inacabado com o subsolo exposto. Você e Brian chamam o lugar de "o Calabouço" e adoram ir até lá explorar suas profundezas, onde brincam de guerra e fingem resgatar princesas de dragões fantasmas.

Desde pequeno, você se sente atraído por musicais de teatro. Seus pais às vezes colocam LPS com gravações da Broadway para tocar em casa e você decorou todas as notas das peças *Annie* e *The*

Best Little Whorehouse in Texas, que não é tão imprópria para menores de idade quanto o nome sugere. Aos oito anos eles o levam a Albuquerque para ver a turnê de *Annie* e você ama tanto a peça que acaba ensinando seu irmão e todos os seus amigos a dançarem “It’s a Hard-Knock Life”. Vocês fazem apresentações do musical com direito a vassouras e tudo. O público: pais e vizinhos. A entrada é gratuita e vale cada centavo.

Você sobe num palco de verdade pela primeira vez em 1983, quando Brian e seus amigos (todos eles então aos treze anos de idade) participam de uma audição para serem os anõezinhos munchkins na montagem de *O Mágico de Oz* da escola de Tularosa. Você cola neles durante a audição. Ao notarem sua presença, eles lhe perguntam se você está interessado em interpretar Totó, o cachorro.

— Au-au — você responde.

Você ama a experiência. Ama, ama, *ama*. De paixão. A maquiagem, por exemplo: você adora assistir à sua transfiguração no espelho, encantado com o modo como algumas pinceladas de substâncias alquímicas e gelatinosas habilmente aplicadas podem transformá-lo de humano em cachorro. Remover a máscara de maquiagem é uma diversão à parte: o cheiro mentolado do creme removedor, o modo como precisa esfregá-lo sensualmente pela pele enquanto observa a cara de cachorro cuidadosamente pintada sobre seu rosto ruir aos pedaços, suas cores se misturando até que você fique parecendo um palhaço dos anos 1880.

Pela primeira vez, a gloriosa ilusão da representação, a forma como a experiência é simultaneamente verdadeira e falsa, exerce sua força primal sobre você. Isso emociona sua alma, envolve seus pensamentos e levanta todos os tipos de dilemas existenciais. O que explica, por exemplo, que quando você está no palco como Totó permaneça de quatro, mas quando percorre a estrada de tijolos amarelos, que passa por entre as fileiras da plateia, fique de pezinho sobre as “patas traseiras”? O diretor sente que não há outra opção prática e está satisfeito com essa solução. Você não. Você considera

isso uma inconsistência brutal que rompe o meticuloso realismo dramático do restante da montagem escolar de *O Mágico de Oz*.

Daquele momento em diante, você nunca precisou ser persuadido a fazer qualquer coisa que pudesse resultar em um bando de estranhos o aplaudindo. Você logo construiu um currículo invejável de papéis em peças tanto do ensino médio e fundamental quanto do Cree Meadows Country Club, onde funcionava a Little Theater, a escola de teatro de Ruidoso, um refúgio para aqueles seus conterrâneos que eram — e isso você perceberia em retrospectiva, muitos anos depois —, senão gays enrustidos, ao menos pessoas que definitivamente não gostavam tanto assim de futebol americano. Você interpreta Amahl em *Amahl and the Night Visitors*. Você faz John Darling em *Peter Pan*. Você é o Winthrop (“Gary, Indiana”) Paroo de *The Music Man*.

Em seguida, já no ensino médio, você tem a sorte de cair nas graças de um professor de teatro maravilhoso chamado Churchill Cook que, percebendo seu talento e entusiasmo, começa a lhe delegar diversos arranjos musicais e direções de peças e musicais da escola. Na puberdade, ele o ajuda a galgar espaço em sua carreira como ator escolar: você trabalha como narrador e quase diretor na montagem de *How the West Was Really Won* (E como foi que o oeste realmente foi conquistado? Dica: esse processo envolveu trocadilhos e passinhos de dança). A peça é uma comédia sobre o Velho Oeste narrada por um velho com um cachimbo feito de sabugo de milho. Você faz o papel do velho do cachimbo. Cara, você realmente mergulha nesse papel. Você reproduz as rugas do velho com ajuda do livro de Tom Savini sobre maquiagem para o cinema. Já a ideia de colocar talco de bebê no cachimbo de modo que saísse uma fumacinha de lá quando você fingisse fumar foi só sua. Neil Patrick Harris, você é um gênio!

Você também procura trilhar outros caminhos artísticos. Você canta em corais e chega a tentar dar palestras e falar em público. Aos treze anos, você entra em um concurso promovido pela Op-

timist Club, uma grande organização internacional de gente que enxerga os copos sempre meio cheios. Sua tarefa: fazer um discurso sobre o otimismo. Você e sua mãe (também conhecida como Optimãe) concebem e escrevem juntos o discurso. No dia da competição, você vai lá e entrega seu discurso com a descontração magistralmente estudada de um rapazinho que passou horas de maaais praticando em frente ao espelho do banheiro. Você ganha o prêmio regional que consiste em... Uma bolsa de estudos para a universidade no valor de mil dólares.

Você não chegará a usar essa bolsa.

*Se você deseja começar a explorar o mundo do teatro,
vã para a página 14.*

Se quiser começar a aprender mágica, consulte a página 22.

*Se prefere passar horas demais praticando seu discurso para o Optimist Club
em frente ao espelho do banheiro, então vã ao banheiro,
vire a próxima página e comece a recitar.*